

A ANÁLISE DO RACISMO NO CONTO "NÓS MATAMOS O CÃO-TINHOSO"

Robson Batista Moraes¹

Resumo: A exploração do território africano pelos europeus teve como principal motivação o racismo, utilizando a noção de raça para justificar a segregação dos povos negros africanos, sob uma pseudo-ideia de superioridade racial branca em detrimento de uma dita inferioridade dos povos e culturas dos negros em África. O racismo é um fenômeno global, que desde o processo de escravização vem operando como toda forma de amesquinhar, oprimir, desprezar e humilhar os negros de uma maneira a convencê-los de sua própria "inferioridade" (SOUZA, 2021). Desse modo, este artigo tem como objetivo central analisar como o racismo estrutural é retratado no conto *Nós Matamos o Cão Tinhoso*. Posto isso, este artigo, que possui um caráter metodológico qualitativo, documental e interdisciplinar, insere-se no campo epistemológico dos Estudos Culturais (BENNETT, 1992) no Brasil. Os estudos culturais são um campo de investigação de caráter interdisciplinar que explora as diversas formas de produção ou criação de significados e de difusão dos mesmos nas sociedades atuais. Portanto, pretende-se revelar de que forma o racismo opera no contexto moçambicano por meio de análises realizadas na obra supramencionada, de autoria do escritor Luís Bernardo Honwana, publicado em 1964. Por fim, será constatado como a literatura é um campo relevante para se refletir sobre o contexto sociorracial moçambicano e de como o racismo do passado, de certa forma, ainda persiste nessa sociedade com outras faces. *Palavras-Chave:* Racismo estrutural. Conto. Literatura Moçambicana.

1 Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina — UFSC. Endereço eletrônico: robsonbmoraes5@gmail.com.

THE ANALYSIS OF RACISM IN THE SHORT-STORY: WE KILLED THE TENDY DOG

Abstract: The exploitation of African territory by Europeans was mainly motivated by racism, which used the idea of race to justify the segregation of black African peoples, under a pseudo idea of white racial superiority to the detriment of a so-called inferiority of black peoples and cultures in Africa. Racism is a global phenomenon, which since the process of enslavement has been operating as any form of belittling, oppressing, despising and humiliating blacks in a way that convinces them of their own inferiority (SOUZA, 2021). Thus, this article aims to analyze how structural racism is portrayed in the short story "We Killed the Tendency Dog". That said, this article, which has a qualitative and interdisciplinary methodological character, is inserted in the epistemological field of Cultural Studies (BENNETT, 1992) in Brazil. Cultural studies is an interdisciplinary field of investigation that explores the various forms of production or creation of meanings and their diffusion in today's societies. Therefore, it is intended to reveal how racism operates in the Mozambican context through analyzes carried out in the aforementioned work, authored by the writer Luís Bernardo Honwana, published in 1964. Finally, it will be noted how literature is a relevant field for reflect on the Mozambican context and how racism persists in this society with other faces.

Keywords: Structural Racism. Tale. Mozambican Literature.

Introdução

O processo de colonialismo promovido pelas ditas potências imperialistas europeias, em nome de uma pseudomoral cristã, deixou um legado negativo histórico para as culturas e populações negras africanas. Por outro lado, sempre houve resistência por parte dos povos negros contra os abu-

dos dos europeus. A exploração do território africano pelos brancos europeus teve como principal motivação o racismo, que se utilizou da ideia de raça — criação do homem branco para tentar justificar as violências cometidas contra os povos negros africanos, sob uma suposição racista de superioridade racial branca em detrimento de uma dita “inferioridade racial” dos povos e culturas negras africanas.

O projeto de colonização europeia entre os séculos XV e XX foi marcado por muita violência e crueldade, sendo que tudo isso foi aceito por parte da intelectualidade branca europeia, justificando o colonialismo através de um discurso moralista, cientificista, religioso, sexista e racista. Como o político e poeta anticolonial, Césaire (1913; 2020) pondera em suas obras, com muito conhecimento de quem estudou e viveu o processo de resistência à colonização não só na Martinica, mas também nas Américas e na África, ao lado de diversos outros militantes, resultando em uma obra escrita também com alma, afeto, raiva e revolta, em uma perspectiva analítica, propositiva e militante.

A temática proposta nesse artigo tem como um dos focos fazer valer a Lei nº 10.639/2003 e suas diretrizes, que prevê a obrigatoriedade do ensino de cultura e história dos afro-brasileiros e africanos no currículo das disciplinas da educação básica, como também nas temáticas das pesquisas científicas e na formação inicial e continuada de professores. Assim sendo, este artigo tem como objetivo central analisar como o racismo estrutural é retratado no conto moçambicano *Nós Matamos o Cão Tinhoso*. Além disso, ele pode contribuir para com os estudos no campo teórico dos Estudos culturais, na área específica das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. A obra em tela é muito conhecida, porém ainda há uma grande carência por temáticas de pesquisas e artigos produzidas com esse recorte (CONCEIÇÃO, 2016).

Na concepção de Almeida (2018), o homem branco europeu criou os conceitos de raça e racismo como forma de

“dominar” os povos, culturas, e riquezas do continente africano. Em suma, o requisito da raça, comumente utilizado para oprimir os povos negros africanos, é um fator político que vem se reconfigurando no decorrer dos anos, e servido como estratégia crucial de dominação do grupo racial branco sobre grupos não brancos.

Este artigo, que possui um caráter qualitativo e interdisciplinar, insere-se no campo epistemológico dos Estudos Culturais no Brasil. Posto isso, os Estudos Culturais é um campo de investigação de caráter interdisciplinar que explora as diversas formas de produção ou criação de significados e de difusão dos mesmos nas sociedades atuais.

A obra em tela, *Nós Matamos o Cão-Tinhoso*, é um livro de sete contos de autoria do escritor Luís Bernardo Honwana, publicado em 1964, e considerado uma obra fundacional da Literatura Moçambicana moderna. Os contos incluídos no livro são “Nós Matamos o Cão-Tinhoso”, “Dina”, “Papa, Cobra, Eu”, “As Mãos dos Pretos”, “Inventário de Imóveis e Jacentes”, “A Velhota” e “Nhinguitimo”. Quando Honwana tinha cerca de vinte e dois anos, foi preso pela polícia devido à sua atividade política junto à FRELIMO — Frente de Libertação de Moçambique.

Foi durante o tempo passado na prisão que escreveu o seu único livro, *Nós Matamos o Cão-Tinhoso*, com o objetivo de demonstrar o racismo do poder colonial português. O livro chegou a exercer uma influência importante na geração pós-colonial de escritores moçambicanos. Muitos dos contos, escritos em português europeu padrão, são narrados por crianças. O universo social e cultural moçambicano durante a época colonial é o centro da análise das narrativas de *Nós Matamos o Cão-Tinhoso*. De acordo com Ferreira (1986), “Os contos de *Nós Matamos o Cão-Tinhoso* apresenta-nos questões sociais de exploração e de segregação racial, de distinção de classe e de educação”. Cada personagem em cada

conto representa uma diferente posição sociorracial (branco, assimilado, indígena e/ou mestiço).

O conto apresenta a situação política do tempo. Na ótica de Mata (2000), o Cão-Tinheiro representa o sistema colonial decadente, em via de ser destruído, e o prelúdio de uma nova sociedade “purificada”, sem discriminação de qualquer tipo. Para a crítica, é significativo o fato de o Cão-Tinheiro ter sido abatido numa apoteose de tiros — de igual modo Moçambique haveria de se “purificar” pelo fogo das armas.

Ainda nessa sequência, o primeiro e o mais extenso dos contos incluídos no livro, *Nós Matamos o Cão-Tinheiro* é narrado através dos olhos de um menino moçambicano negro, chamado Ginho. A história desenvolve-se à volta de um cão vadio que está doente, abandonado e prestes a morrer. Ginho é objeto de troca da parte dos seus colegas da escola, inclusivamente durante os jogos de futebol. Ele começa a sentir pena do cão e, de certo modo, desenvolve um sentimento de empatia em relação ao animal. Um dia, o Ginho e um grupo de rapazes da sua idade são persuadidos e chantagados pelo Doutor da Veterinária para matar o pobre cão.

O Senhor Duarte, portanto, representa essa ação como um jogo de caça e tenta convencê-los como um amigo. Apesar do Ginho estar emocionalmente ligado ao cão, ele se sente, de certa forma, pressionado a matá-lo, de modo a ser aceito pelos seus colegas. Apesar de muitas discussões e pedidos aos outros meninos, ele não consegue convencê-los a não matar o cão. A história finaliza com ele confessando com remorso a responsabilidade que sente, apesar de não ter querido participar do crime.

Nessa direção, Adichie (2019) orienta-nos a sermos cautelosos frente ao perigo da história unilateral, ou seja, aquela contada apenas pela visão do poder-vencedor-branco-europeu. Em outras palavras, a autora está nos reco-

mandando a sermos atenciosos quanto ao perigo da narrativa da história que se pretende hegemônica, contada pelo olhar branco-centrado, estereotipado, que se objetiva absoluto e único. A história única precisa ser interpelada e problematizada por aqueles que também fizeram parte da história, porém excluídos parcialmente dela.

Dessa maneira, é importante expor que a história sociocultural sobre o continente africano foi, até um certo momento, narrada apenas por homens brancos europeus, ou seja, pela visão dos ditos “vencedores”. Isto é problemático porque essa perspectiva não condiz com as versões expostas, por exemplo, pelos nativos, os donos da terra, a saber: os povos negros africanos. Assim, o conto em destaque é uma história diferenciada porque é narrada pelo olhar de um moçambicano.

Nessa perspectiva, o contar da história social de uma dada cultura por um espectro parcial, conduz-nos à armadilha de privilegiar culturas, línguas e o grupo racial branco que se pretende hegemônico em detrimento de outros segmentos raciais igualmente relevantes.

É imprescindível ensinar uma cultura e língua levando em consideração a sua trajetória histórico-cultural e sem considerar as ricas contribuições sociais dos diferentes sujeitos históricos e culturais participantes do processo de formação nacional, a saber: negros, indígenas, brancos e imigrantes. Os quais, ao se contatarem interculturalmente e, por vezes, de forma tensa, influíram ativamente nos modos de expressões, costumes, culinária e nas relações sociais que, em certa medida, modificaram diversos elementos linguísticos e culturais de uma língua e cultura.

Sendo assim, a nível de reflexão, serão suscitadas as seguintes questões neste artigo: 1 De que modo o racismo é tratado no conto *Nós Matamos o Cão-Tinioso*? 2 De que maneira o racismo operante na sociedade moçambicana se es-

tende ao conto e com que face ele se apresenta? 3 Interpretar como o racismo é, de certa forma, denunciado ou silenciado no conto em pauta?

Este artigo é constituído por quatro partes, a saber: introdução, reflexões sobre o conto e suas reverberações, metodologia, resultados e discussão, considerações finais e referências.

Reflexões sobre o conto e reverberações

Primeiramente, este artigo traz à baila o lugar atribuído ao racismo no conto *Nós Matamos o Cão-Tinhoso*. Desse modo, neste trabalho parte-se do pressuposto de que, devido ao processo histórico de colonização e escravização pelo qual passou o continente africano, o racismo estrutural é algo que faz parte da estrutura da sociedade moçambicana, assim como é a realidade em múltiplos contextos na África e nas diásporas africanas. À vista disto, a sociedade africana, em especial, a moçambicana, não pode ser bem compreendida sem considerarmos os conceitos de raça, colonialismo e racismo antinegros.

Segundo, porque é preciso pontuar que o racismo transcende o âmbito da ação (violência) individual ou interpessoal de pessoas ou grupos brancos contra pessoas racialmente negras, nessa senda, o racismo é sempre estrutural, ou seja, é um processo sistêmico, histórico, ideológico, econômico e político altamente sofisticado e excede a ofensas negativas individuais ou coletivas direcionadas a negros (ALMEIDA, 2018).

Em terceiro, porque a dimensão do poder é um elemento constitutivo das relações raciais, “todavia, não somente o poder de um indivíduo de uma raça sobre outro, mas de um grupo racial sobre o outro, algo possível quando há o controle direto ou indireto sobre o aparato institucional”.

Portanto, o racismo é uma relação de poder que envolve o uso da força e o preconceito em razão da raça, pertença social/geográfica ou religiosa (ALMEIDA, 2018, p. 36).

Desta maneira, é fundamental explicitar que a maioria das sociedades africanas são historicamente marcadas por diversas tensões sociorraciais entre brancos-exploradores e negros africanos, e o campo da literatura não deve deixar de abordar criticamente essas questões, pois, em certa medida, o retrato da sociedade atual é um reflexo do passado, e pode repercutir de forma negativa ou positiva no futuro, a depender do grupo racial.

Portanto, o conto pode expressar diversos aspectos relativos ao racismo presente na sociedade moçambicana, tendo em vista que esta é uma problemática que perdura no contexto africano e afro-diaspóricos devido ao processo de escravização e colonização europeia. Nesse viés, a literatura é um campo de conhecimento importante para se problematizar e desvelar as mazelas ainda persistentes nas sociedades africanas, possibilitar ao leitor uma reflexão crítica sobre a atual conjuntura do contexto em destaque e tentar se oportunizar novas propostas de possíveis intervenções práticas para modificar, na maneira do possível, esse cenário.

Este artigo está inserido no campo epistemológico dos Estudos Culturais. Nessa esteira, os Estudos Culturais apresentam-se, desde a sua gênese, menos como uma disciplina e mais como um “campo gravitacional” para intelectuais de diferentes origens (BENNETT, 1992). Entre as diversas formações dos investigadores que trabalham nessa área, destacam-se aqueles que são oriundos dos Estudos Literários; Linguística, Sociologia, História, Antropologia, Comunicação, Geografia, Estudos Fílmicos, Psicologia, Educação e Filosofia; menos presentes, mas por vezes participantes empenhados no desenvolvimento de projetos de investigação em Estudos Culturais encontram-se economistas, juristas e peritos em relações internacionais.

De acordo com Barker (2008), entre as metodologias mais frequentemente usadas nos Estudos Culturais destacam-se as seguintes: a) Metodologia etnográfica, que enfatiza o elemento vivencial da experiência b) Abordagem textual c) Estudos de recepção. Desse caminho, como afirma Barker, os Estudos Culturais constituem um corpo de teoria construída por investigadores que olham a produção de conhecimento teórico como uma prática política. Aqui, “o conhecimento não é nunca neutro ou um mero fenômeno objetivo, mas é questão de posicionamento, quer dizer, do lugar a partir do qual cada um fala, para quem fala e com que objetivos fala” (BARKER, 2008, p. 27).

Os Estudos Culturais são um campo de conhecimento multidisciplinar que entende a produção de conhecimentos com prática social que perpassa questões ideológicas, políticas, sociais, raciais, experiências pessoais, narrativas, escrituras, e está socialmente situado, pois quem fala, fala sempre de um lugar sociorracial, e para um ou mais grupos específicos. Assim, o campo dos Estudos Culturais está preocupado em tratar de questões relacionados aos fenômenos culturais de uma dada sociedade de forma holística, e não apenas de questões meramente acadêmicas.

Metodologia

Compreende-se neste artigo como o fator racial está inserido no conto *Nós Matamos o Cão-Tinioso*, apreciado pelo olhar de um autor moçambicano, Luís Bernardo Honwana. Desse modo, cabe apontar que visa-se pesquisar se o requisito da raça é utilizado como um agente de exclusão das identidades negras. Além disso, pretende-se perceber na obra em foco como o racismo é naturalizado na sociedade em tela ou se há indícios sobre o processo de luta antirracista e denuncia que pode colaborar para a desconstrução do seu imaginário na sociedade moçambicana

Este artigo, portanto, está sustentado em um procedimento de análise documental e bibliográfica que endossa o objetivo que ora se pretende analisar. Desse modo, na visão de Figueiredo (2007), tanto a pesquisa documental quanto a bibliográfica têm o documento como objeto científico de investigação. No entanto, o conceito de documento extrapola a noção de textos verbais — escritos e/ou impressos. O documento como fonte de pesquisa pode ser escrito, ou não.

Quanto à sua natureza, este artigo possui uma abordagem qualitativa porque, nesta modalidade, o pesquisador pode ser ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível, e o conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. Além do mais, o foco da amostra é expor informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o importante é ser efetivamente suficiente para produzir novas informações e colaborações para o campo pesquisado (DESLAURIERS, 1991).

Ainda no que tange ao aspecto qualitativo da pesquisa, almeja-se investigar como as questões raciais relativas aos negros africanos e o racismo estrutural são tratados no supramencionado conto no contexto moçambicano.

Nessa linha, o escrito parte, primeiramente, da etapa de leituras específicas da área para constituição de referencial teórico, seguidamente de averiguação e análise dos conteúdos/ discursos/ narrativa da linguagem presente no conto *Nós matamos o Cão-Tinhoso* para constatar como a temática referente ao racismo estrutural moçambicano e o seu combate/ são, de certo modo, abordados por via da linguagem na referida obra literária moçambicana. Além disso, deve-se fazer uma reflexão sobre a gênese do racismo, suas acepções, a sua persistência na sociedade e as reverberações negativas e positivas que ele pode gerar no conto, a depender do grupo racial.

Resultados e discussões

O conto *Nós matamos o cão tihoso*, de Luís Bernardo Honwana, publicado em 1964, é narrado em um contexto ainda colonial, em Lourenço Marques, atual Maputo. A história foi publicada em língua portuguesa, *Nós Matamos o Cão Tihoso*; inglesa, *We killed Magyn-Dog*; e espanhola, *Nosotros matamos el Perro-Tiñoso*. Os negros são as vozes de resistência contra o sistema opressor no contexto moçambicano. Os negros africanos foram as potenciais vítimas do sistema colonial e são também os responsáveis por denunciá-lo e pleitear o processo de independência desse país (CONCEIÇÃO, 2016).

O conto *Nós Matamos o Cão Tihoso* escancara, portanto, o racismo estrutural moçambicano pela perspectiva do colonizado acerca do sistema de colonização portuguesa em solo africano, e não pelo prisma do colonizador branco-europeu. O colonizado negro africano identifica as formas de operacionalização do racismo promovido pelo sistema colonial branco europeu e, descontente, tenta planejar maneiras de construir estratégias para se libertar desse processo nebuloso que lhe foi imposto.

Conceição (2016) pontua que a história narrada no conto se passa no contexto de uma escola colonial regularmente frequentada por filhos de famílias racialmente brancas, ou seja, filhos de colonos, e apenas por dois negros moçambicanos. Entretanto, é importante expor que também havia outras escolas frequentadas por indígenas no período colonial, no contexto de Moçambique.

Essa desproporção histórica de negros em relação a brancos em alguns ambientes escolares revela apenas uma das faces do racismo estrutural promovido pelo estado colonial, nesse caso, em especial, o português, não somente nas colônias portuguesas, como também nas diásporas negras africanas.

A exclusão de negros em ambientes escolares formais se deu também no Brasil, mesmo no pós-abolição, quando após o processo de abolição formal dos escravizados, os negros africanos libertos e aqueles que possuíam moléstias eram impedidos legalmente de acessar espaços escolares. Em razão disso, gerações de pessoas negras ficaram sem acesso ao processo de escolarização e aos letramentos, o que lhes acarretaram não disporem de formação ou de mão de obra qualificada para ocuparem postos laborais importantes na sociedade. Restando-lhes, para a grande maioria deles, trabalhos braçais, menos remunerados e precários (SCHNEIDER, 1993).

A questão sobre a baixa representatividade negra na escola na qual se passa a história expõe as facetas do racismo antinegros que opera em diferentes contextos afro-diaspóricos, mas sempre conferindo prejuízos a negros, e privilégios, ainda que simbólicos, a brancos. O conto apresenta em diversos trechos relações de poder nas quais o estado colonial põe os sujeitos negros moçambicanos em situação de subalternidade.

Ainda na ótica de Conceição (2016), o processo de morte do Cão-Tinhoso se dá por meio de uma ordem do Senhor administrador, que encarregou o Doutor da veterinária de encaminhar a morte do Cão. Ainda para essa autora, o Doutor da área da veterinária transferiu a sua responsabilidade para seu subordinado, senhor Duarte, que consequentemente delegou a ação para um grupo de rapazes, do qual Ginho, o narrador, fazia parte.

Para Conceição (2016), a morte do cão era algo necessário, segundo afirma o administrador. A principal justificativa utilizada para matar o cão era a de que ele já se encontrava podre e um nojo, embora o Doutor responsável pela veterinária não tinha uma exata convicção dessa necessidade. Além disso, o cão tinha a pele velha, cheia de pelos bran-

cos, cicatriz e muitas feridas, o que contribui para reforçar a justificativa da sua morte.

Como supramencionado, as duas únicas pessoas negras que havia na escola eram Isaura e Ginho. Na perspectiva do narrador, conforme elucidado por Conceição (2016), Isaura (nativa), assim como Ginho, estudavam na mesma escola que as outras crianças brancas da história. Assim, na afirmativa do narrador “ela era a única que gostava do Cão-Tinhoso [...] mas [...] era maluquinha, todos sabiam”, pois ela cometia erros na cópia (HONWANA, 1980, p. 8).

É bastante curioso a forma estereotipada de como Isaura, a jovem nativa, racialmente negra é colocada no conto. Dentre todos os personagens que compõem a narrativa ela é a única apelidada de maluquinha porque praticava erros na cópia da atividade escolar. Dessa maneira, cabe a reflexão sobre como historicamente a figura da mulher negra africana é representada na literatura e por quem ela normalmente é descrita. Nota-se que, quem confere característica à figura da personagem Isaura é um (autor) homem negro africano, que talvez queira trazer a questão do machismo e do tratamento conferido às personagens negras africanas no âmbito da literatura africana de língua portuguesa.

No que tange à figura do personagem Ginho, o ensaísta (SABINE, 2010 *apud* CONCEIÇÃO, 2016) aponta que a figura do Cão-Tinhoso se assemelha muito a Ginho, na qualidade de homem negro africano (moçambicano) subalternizado pelo sistema Colonial vigente. Para Sabine (2010), o Cão-Tinhoso estava em uma situação degradante, nojenta e sem nenhuma possibilidade de reversão do seu estado, assim como o homem negro encontra-se em uma situação de desvantagem social devido ao processo de colonialismo e racismo que lhes negou diversos direitos sociais básicos.

Portanto, assim como o Cão-Tinhoso estava inserido em um contexto de quase morte física, o homem negro esta-

va também correndo sérios riscos de morte em função da aplicação da necropolítica do Estado colonial Mbembe (2014). Por necropolítica, entende-se a forma de gestão da vida e morte das pessoas pelo Estado, ou seja, o Estado decide de diversas formas quem morre e quem vive em sociedades capitalista. Nesse caso, o Estado é colonial e português.

Considerações finais

Reitera-se que neste artigo compreende-se como o racismo opera no cenário do conto *Nós Matamos o Cão-Tinhoso*, de autoria do escritor moçambicano Luís Bernardo Honwana. Assim, na análise do conto percebe-se que na escola colonial apresentada no conto só havia duas crianças racialmente negras inseridas naquele contexto educacional de grande importância para o desenvolvimento intelectual e pessoal de qualquer cidadão.

Por outro lado, sabe-se que o processo de colonialismo gerou diversas desvantagens para o segmento racial negro, inclusive a negação de terem acessos a direitos básicos, como o direito à educação. Nesse sentido, tanto na África como nas negras africanas, o acesso à escola, ou seja, aos processos de educação formal, era um lugar muito mais frequentado por pessoas racialmente brancas e os descendentes dos colonizadores europeus. Enquanto os negros eram quase sempre excluídos desses espaços.

No conto em tela, fica bem explícito o quantitativo desproporcional existente entre crianças brancas e negras no ambiente escolar. Isso ocorre devido ao racismo que nega a humanidade de pessoas negras e as colocam o tempo todo em uma situação de subalternidade. Sendo assim, esse só foi um aspecto possível notado sobre as faces do racismo operante no conto sobre o contexto moçambicano, mas há uma série de outras problemáticas sociorraciais que podem emergir desse mesmo conto em foco.

Percebe-se que no conto *Nós Matamos o Cão-Tinhamos*, a raça informa classe, e classe informa raça, pois normalmente os negros são historicamente os principais afetados pelas ausências de políticas públicas efetivas de acesso e permanência nos processos de formação escolar, e isso foi bastante acentuado durante o contexto da pandemia do novo coronavírus (Covid-19) no Brasil e em diversos países do continente africano e em contextos afro-diaspóricos.

A ausência de corpos negros no sistema escolar também é um sintoma de uma sociedade estruturalmente racista porque a escola, assim como as universidades, são espaços privilegiados de produção de saberes. Assim sendo, as pessoas que passam pelos processos de escolarização têm melhores condições de conquistar melhores empregos no tecido social, além de poderem desenvolver o senso crítico sobre a realidade ao seu entorno e nela interferir.

Mas a questão a ser colocada é: seria interessante para o sistema colonial português promover o acesso universal de pessoas negras em escolas? Qual seriam os corpos desejáveis e indesejáveis para frequentar as escolas no período colonial. Nessa direção, vale destacar que os corpos desejáveis para ocupar os bancos das escolas eram brancos e de ascendências europeia, pois esses eram considerados humanos e dignos de estarem nesses espaços de poder.

Por conseguinte, é muito importante perceber nesse conto que o racismo não opera somente por via individual, ou seja, o racismo não se refere apenas a violências diretas cometidas contra negros, mas ele opera com outras faces talvez não tão patentes, como por exemplo, na forma sutil da desproporção de crianças negras em relação a brancas no ambiente de uma escola. Talvez esse fato seja algo ainda muito naturalizado pela maioria das pessoas a ponto de nem sequer refletirem a respeito.

Diante do exposto, a linguagem literária também pode ser usada como um mecanismo importante de inclusão, de promoção e manutenção das desigualdades raciais. E o que se pode avaliar no conto em foco são os poucos trabalhos produzidos que problematizam essas questões aqui versadas no campo das literaturas africanas de língua portuguesa (CONCEIÇÃO, 2016).

Portanto, é muito relevante projetar um olhar sobre um conto de forma minuciosa para notar aquilo que talvez passaria facilmente sem ser notado. Nessa direção, é importante conhecer as sutilezas do racismo operante por meio da linguagem, por vezes, não explícita. Cabe ao leitor crítico observar as nuances existentes nas outras obras literárias e problematizá-las para que aquilo que talvez não estivesse tão patente seja, enfim, evidenciado.

O conto aqui em questão pode revelar uma face do racismo talvez não muito perceptível, mas existente de uma forma quase implícita. Isso nos faz perceber como a colonialidade do saber continua operando por via da linguagem, nas ausências de corpos negros em espaços de poder e tomadas de decisões importantes na sociedade. Por fim, é importante estarmos bem atentos às sutilezas do racismo e não esquecermos de que, em sociedades pós-coloniais e colônias, o racismo é a regra, não a exceção. Portanto, de uma forma ou de outra, ele se apresentará. Entretanto cabe a nós percebermos com qual roupagem ele se apresenta.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *The Danger of a Single Story*. Farafina Books, 11 abr. 2013. Disponível em: <https://farafinabooks.wordpress.com/2013/04/11/chimamandaadichie-the-danger-of-a-single-story>. Acesso em: 28 maio 2017.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BAGNO, Marcos. *Pesquisa na Escola o que é como se faz*. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

BENNETT, Tony. "Putting Policy into Cultural Studies", In C. Nelson, L. Grossberg, P. Treichler (eds.), *Cultural Studies*. London/ New York: Routledge, 1992. p. 23-53.

BENNETT, Tony. *Culture: A Reformer's Science*. St Leonards, NSW: Allen & Unwin, 1998.

BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 1 jun. 2022.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. São Paulo: Veneta, 136 p, 1913.

CONCEIÇÃO, Vércia Gonçalves. *Nós Matamos o Cão-Tinroso: anticolonialismos, projetos de nação e protagonismos de (novos) homens moçambicanos* / Vércia Gonçalves Conceição. Salvador, 2016. 167 f.

Davis, Ângela. *Mulheres, raça e classe*. Candiani, Herci Regina. São Paula: Boitempo, 2016, 244p.

DESLAURIERS J. P. *Recherche qualitative: guide pratique*. Québec (Ca): McGrawHill, Éditeurs, 1991.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Breve; Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1986.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.

Apostila. IBGE — INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTA, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HONWANA, Luis Bernardo. *Nós Matámos o Cão-Tinroso*. Moçambique: Cotovia, 1964.

LEITE, Ilka Boaventura. *Quilombos e Quilombolas: Cidadania ou Folclorização?* Horizontes Antropológicos, v. 10, p. 123-150, 1999.

MATA, Inocência. O pós-colonial nas literaturas africanas de expressão portuguesa. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa (orgs.). *África & Brasil: letras em laços*. v.1. Rio de Janeiro: Editora Atlântica, 2000.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

PEREIRA, Márcia Moreira; SILVA, Maurício Pedro da. Percurso da lei 10639/03 e o ensino de história e cultura africana no Brasil: antecedentes, desdobramentos e caminhos. *Em tempo de histórias*, v. 1, p. 125-135, 2013.

SABINE, Mark. Nós matámos o cão-tinhoso: a emasculação de África e a crise do patriarca negro. *Via Atlântica*, n. 17, JUN/2010, p. 187-200.

SILVA. Ana Célia da. *A discriminação do negro no livro didático*. Salvador. Edufba/Ceao, 1995.

[Recebido em: 21 mar. 2022 — Aceito em: 21 set. 2022]